

GT08: Antropologia da Técnica

Júlia Brussi, Rafael Devos

A 5ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como "ato tradicional eficaz" é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na relação direta ou indireta entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se perceber e habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos e seus efeitos se busca refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas mais que humanas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos em escalas e temporalidades diversas.

Vida social dos artefatos de palha: desde a feira livre às oficinas de produção

Autoria: Lucas Barreto de Souza, Lucas Barreto de Souza

Discutimos, em "A Vida dos Artefatos: Arte/artesanato de Palha na Feira de São Joaquim, Salvador, Bahia", dissertação de mestrado, UFBA, 2020, a partir de uma abordagem biográfica, aspectos relacionados à vida social dos produtos/fabrics resultantes do fazer artesanal, em circuito, na etapa de circulação. A palha é um tipo de material de expressão notável nos mais variados espaços da Feira de São Joaquim, na Bahia. É parte constituinte de uma infinidade de objetos com as mais diversas finalidades de uso: diferentes tipos de palha compõem inúmeros produtos à venda ou em uso. Os artefatos de palha, que em suas linhas de vida passam por essa feira, estão imersos em constantes processos de interação social, enredados que estão, envolvidos por uma grande teia de relações sociais, nas quais exercem seu poder de agência, influenciam ações humanas ao mesmo tempo em que são receptáculos dos efeitos da ação humana, sendo portanto parte desta rede e enredando outros/as atores/as em jogo. Atualmente, o intuito é promover uma investigação que enfatize a etapa de produção desses artefatos, tomando como local referencial, para observação, a Ilha de Maré, mais especificamente a Praia Grande, nesta ilha, e a Cidade de Palha, micro local nesta praia, para proceder às descrições mais detalhadas da produção do artesanato de palha que encontramos na Feira de São Joaquim, pois parte da produção artesanal com palha que circula naquela feira é oriunda da Ilha de Maré. A proposta é contextualizar o projeto, com um relato sobre a experiência anterior, na Feira de São Joaquim, expondo sobre o destaque dado à palha, enquanto material, e aos objetos produzidos a partir dos seus diferentes tipos, e sinalizar intenções e ideias que são parte de um projeto cujo horizonte aponta para a etapa de produção da vida social dos artefatos. Desse modo, dedicar atenção às oficinas, às artesãs e artesãos e ao modo de fazer artesanal, em Ilha de Maré. Para tanto, pretende-se estudar as relações sociais em torno desse trabalho, observando as condições ambientais do entorno, na Ilha e na Baía de Todos os Santos, destacando influências e interferências do desenvolvimento industrial e turístico na região sobre os modos vida no local, área quilombola, cuja população é majoritariamente negra (e que, ao mesmo tempo, comporta o maior percentual de albinos da cidade de Salvador), sobre a qualidade da água e do ar, dos pescados e mariscos - pesca e mariscagem constituem atividades tradicionais de geração de renda e subsistência; e sobre a saúde da população de modo geral.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

